

## Vinculação aos pais em adolescentes portugueses: o estudo de Coimbra

Teresa Sousa Machado & Marta Oliveira

Publicado In *Psicologia e Educação* (2007), Vol. VI, nº1 (pp.97-115)

### Resumo

No decurso da adolescência, a conquista da autonomia, individuação e saída de casa colocam desafios ao sujeito e podem ser geradoras de stresse. Diversos estudos sugerem que a qualidade da vinculação aos pais, na adolescência, é um dos factores que pode mediar a resolução destas tarefas. Apresentamos neste estudo uma adaptação, da versão para pais, do *Inventário de Vinculação aos Pais e Pares* – IPPA de Armsden & Greenberg – aos adolescentes portugueses. O IPPA é um instrumento de auto-avaliação (composto por três sub-escalas: Confiança, Comunicação e Alienação) e foi passado a 656 adolescentes de escolas de Coimbra. Os resultados mostram que se trata de um instrumento com qualidades aceitáveis de fidelidade e validade.

**Palavras-Chave:** vinculação aos pais; IPPA; adolescência.

### Abstract

During adolescence, coping with home-leaving transition, acquiring progressively individuation and progressive separation from parents may be a quite demanding developmental tasks. Several studies suggest that the quality of adolescent attachment to parents is one of the factors that can mediate this challenge. In this paper we present several data on the psychometric characteristics of a Portuguese version of the IPPA – (*Inventory of Parent and Peer Attachment* – Armsden & Greenberg), concerning the attachment to parents. The IPPA is a self-report instrument (composed of three sub-scales: Communication, Trust and Alienation) for use with adolescents, and was administrated to a large sample (n=656) of Portuguese adolescents from public schools from Coimbra municipality. The analyses' results showed that the Portuguese IPPA version is a reliable and valid measure.

**Key-words:** Attachment to parents; IPPA; adolescence.

## **Vinculação aos pais em adolescentes portugueses: o estudo de Coimbra\***

Teresa Sousa Machado & Marta Oliveira

### **Introdução**

A teoria da vinculação, inicialmente operacionalizada no contexto das relações primárias por Bowlby e Ainsworth, estende-se hoje a todo o ciclo de vida, e para outras figuras significativas (cf., e.g., Ainsworth, 1989; Atger, 2001; Bowlby, 1988; Soares, 2006; Mikulincer & Shaver, 2007). Na verdade, desde cedo, Bowlby faz várias referências à concepção da vinculação como um fenómeno que se estende ao longo de toda a vida, chamando a atenção para as implicações das condições que facultam as (im)possibilidades de actualização dos modelos internos, construídos no seio das relações primárias significativas. A adolescência, pelas alterações desenvolvimentais que exige, torna-se um dos momentos que (independentemente de alterações na qualidade das relações) pode impulsionar actualizações, ou favorecer rigidificações, na qualidade dos padrões estabelecidos ou na construção de novas relações. É ainda o período durante o qual se consolida uma organização interna global da vinculação, resultante da integração sintetizadora de (eventualmente) diversas vinculações significativas.

A passagem das avaliações da primeira infância, centradas nas observações comportamentais – cf. trabalhos de Ainsworth no Uganda e em Baltimore (in Guedeney, 2004, ou, Bretherton, 1992) – para o campo da representação abriu inúmeras perspectivas de análise. Destacamos, a título exemplificativo, as relativas às interpretações das “narrativas” que os sujeitos fazem (e refazem) ao longo da vida acerca do que sentem relativamente às suas experiências iniciais de vinculação (Fox & Bar-Haim, 2001; Pierrehumbert, 2003; Soares, 2006). E, dentro do campo de análise das representações, o papel atribuído à “coerência do discurso” e sua harmonia com o afecto correspondente (i.e., nas entrevistas semi-estruturadas sobre a vinculação), com as aplicações clínicas daí decorrentes. Mas, multiplicam-se também as divergências, defendendo alguns que, à medida que a idade avança, não fará muito sentido continuar preso à avaliação da qualidade das vinculações primárias, uma vez que os *estados mentais* actuais sobre a vinculação (e relações) não correspondem obrigatoriamente ao que foi efectivamente vivido nesses momentos; admitindo

---

\* Investigação realizada no âmbito do projecto

todavia que fará todo o sentido ter em consideração os relatos que os sujeitos fazem (*retêm*) no presente (Fox & Bar-Haim, 2001).

De forma algo sintética, podemos dizer que o alargamento da investigação da vinculação ao ciclo de vida recebe o impulso decisivo dos trabalhos iniciados pela equipa de Mary Main (aluna de Ainsworth) que, nos anos 1980, segue, desde o nascimento até aos 6 anos, crianças de 40 famílias de nível social médio. Enquanto uns avaliam os padrões de vinculação das crianças (com o SAT<sup>1</sup>), outros codificam e interpretam as respostas das entrevistas aos pais (criando o AAI<sup>2</sup>) – sobressaindo das análises correspondências significativas entre a classificação da segurança na criança e as representações da vinculação nos pais – dados que incentivam a vontade de avaliar o efeito de influências intergeracionais (Guedeney, 2004).

Diversos trabalhos apontam, desde então, correlações significativas entre os padrões de vinculação dos pais (no A.A.I.) e as previsões – antes do nascimento – dos comportamentos dos bebés na *Situação Estranha*, sugerindo influências, ou “continuidades”, intergeracionais (Miljkovitch, 2004; van Ijzendoorn, 1995; van Ijzendoorn & Bakermans-Kranenburg, 1996). Ainda na mesma linha da equipa de Main, diversas investigações longitudinais mostram, recorrentemente, correspondências na ordem dos 75% a 78% entre as classificações das vinculações observadas na *Situação Estranha* (i.e., em bebé) e as vinculações avaliadas pelo A.A.I. aos 17 anos, aos 20 anos, ou em jovens adultas, consoante os trabalhos (e.g. Main, 1996).

O estudo das implicações da vinculação ao longo da vida continua a suscitar inúmeros trabalhos e debates. Entre outras, sobressaem presentemente questões

---

<sup>1</sup> *Separation Anxiety Test* (SAT) – teste projectivo, adaptado por Kaplan em 1987, composto por uma série de cartões/fotografias com cenas que evocam diferentes graus de “separação” (de situações quotidianas, e.g. “os pais saem à noite”, a mais significativas, e.g. “um dos pais oferece um presente ao filho antes de se ausentar durante duas semanas”) – aos quais a criança deve, depois de lhe ser explicada a figura, interpretar o que sentirá o rapaz/rapariga (versão masculino/feminina) da fotografia (Bretherton, 2005; Miljkovitch, 2004).

<sup>2</sup> O *Adult Attachment Interview* (AAI) analisa as representações que os adultos e jovens adultos têm das suas experiências de vinculação na infância e o seu *estado mental* presente acerca das mesmas. O AAI foi idealizado para classificar as mães dos bebés classificados A, B e C *na relação*. As categorias do AAI permitem distinguir os padrões: *seguro-autónomo* – na origem designado por “livre e autónomo relativamente à vinculação” (Mikulincer & Shaver, 2007, p.84) (e.g. descrição coerente das experiências passadas, o sujeito admite a sua importância na sua formação); *inseguro-desligado* – i.e. “desligado da vinculação” (e.g. minimização da importância das relações de vinculação, idealização das experiências da infância com simultânea dificuldade em ilustrá-las); *inseguro-preocupado* – i.e. “enredado e preocupado com a vinculação” (e.g. excessivo relevo das relações de vinculação e preocupação com experiências passadas, dificuldade na descrição coerente de memórias da infância) (Crowell, Treboux & Waters, 2002; Roisman, Padrón, Sroufe & Egland, 2002).

relativas à validação de instrumentos de avaliação da vinculação em diferentes momentos do desenvolvimento (e.g. no que se refere às crianças em idade escolar<sup>3</sup>), implicações e aplicações clínicas da teoria da vinculação, ou questões relativas à identificação de *momentos de transição* nas relações, que poderão induzir alterações nos padrões interiorizados. Estes momentos podem dizer respeito quer às relações pais-filhos, como a outras. Por exemplo, alguns estudos mostram como o casamento (i.e., a construção de uma vinculação segura com um parceiro), ou o nascimento de filhos, podem propiciar alterações nos padrões interiorizados, nomeadamente nos padrões inseguros, que tendem a ser menos estáveis (Brehm, Miller, Perlman, & Campbell, 2002; Crowell, Treboux & Waters, 2002). O início da escolaridade, a adolescência e a saída efectiva de casa no jovem adulto, parecem ser, nas sociedades contemporâneas, alguns dos momentos significativos para alterar a dinâmica das relações significativas (cf., e.g. Arnett, 1999; 2000; Fox & Bar-Haim, 2001; Rice, 1990; Scharf, Mayseless, & Kivenson-Baron, 2004). O presente trabalho insere-se neste domínio de análise, procurando estudar as representações das relações com os pais, construídas por adolescentes portugueses da comunidade, em dois momentos da adolescência. O instrumento utilizado é o IPPA – *Inventory of Parent and Peer Attachment* – de Armsden e Greenberg (1987), apresentando aqui os dados da adaptação para os adolescentes portugueses, no âmbito de um estudo bastante amplo, desenvolvido em Coimbra. As análises apresentadas servem ainda de ponto de partida para os estudos (em publicação) das relações entre a qualidade das representações das vinculações aos pais pelos adolescentes e o desenvolvimento de problemas de exteriorização e/ou interiorização, ao longo da adolescência (Machado & Fonseca, 2006).

### **O papel da vinculação aos pais na adolescência**

As interpretações desenvolvimentais clássicas sobre a adolescência postulavam que o distanciamento físico dos pais traduziria um enfraquecimento da vinculação ou, ainda, que a progressiva autonomia do adolescente seria favorecida por uma separação, ou mesmo oposição, relativamente aos pais. Os estudos contemporâneos

---

<sup>3</sup> A questão da vinculação ao longo do período do meio-final da infância (entre os 8-12 anos) atrai a atenção de investigadores que consideram ter sido este um período algo negligenciado (Kerns, Schlegelmilch, Morgan & Abraham, 2005) – talvez à semelhança de que ocorrera já nas análises desenvolvimentais clássicas relativas ao período de latência.

sugerem que as interpretações que sustentam a inevitabilidade ou normatividade dos antagonismos marcados estão refutadas (Allen & Land, 1999; Geuzaine, Debry & Liesens, 2000). A conquista da autonomia e a manutenção de uma vinculação segura aos pais, durante a adolescência, são processos complementares e que funcionam na mesma direcção – i.e. uma vinculação segura aos pais propicia o desenvolvimento da autonomia sem problemas significativos.

Na verdade, a relevância da vinculação aos pais na adolescência tem sido documentada em diferentes estudos que encontram relações positivas entre a vinculação segura e diversos indicadores psicossociais do adolescente como, por exemplo, o desenvolvimento da identidade/autonomia psicológica (Cicchetti & Rogosch, 2002; Scharf, Mayseless & Kivenson-Baron, 2004), a capacidade para estabelecer relações próximas (Ainsworth, 1991; Cicchetti & Rogosch, 2002; Scharf, Mayseless & Kivenson-Baron, 2004), o sentimento de “bem-estar” (Armsden & Greenberg, 1987; Love & Murdock, 2004; Raja, McGee & Stanton, 1992), uma melhor adaptação à transição para a universidade (in Machado, 2007), entre outros. Pelo contrário, vinculações inseguras têm mostrado relações com problemas diversos de comportamentos interiorizados e/ou exteriorizados, sendo a lista de trabalhos que o documentam extensíssima (e.g. Cicchetti, Toth & Lynch, 1995; Claes, Lacourse, Ercolani, Pierro, Leone, & Presaghi, 2005; Machado, 2004; Soares, 2000). As investigações empíricas levam-nos assim a reafirmar a importância da *qualidade da relação* entre adolescentes e seus pais para concretizar as tarefas desenvolvimentais deste período, destacando o papel fundamental dos pais bem para além dos anos da infância (McCarthy, Lambert, & Moller, 2006; Sampaio, 2006; Silva & Costa, 2005; Soroku & Weissbrod, 2004).

Ao longo da adolescência assistimos a desenvolvimentos muito significativos (dir-se-ia, nos termos das teorias desenvolvimentais clássicas, *mudanças qualitativas*) a nível da cognição, do corpo e das relações. Se, como em qualquer outro período da vida, as *influências* destas mudanças se inter-cruzam, a construção e progressivo refinamento das *estratégias operatórias formais*<sup>4</sup> possibilitam agora o repensar os significados atribuídos às relações (passadas e presentes), a emergência de uma organização ou representação interna globalizante relativa à vinculação (Allen & Land, 1999), e a redefinição da identidade própria (num “novo” corpo que pode

---

<sup>4</sup> Para rápida síntese das mais marcantes possibilidades do operatório formal, cf., e.g., Lourenço, 1997 ou Machado, 2003.

agradar ou desagradar). Se as redefinições nestas diferentes dimensões podem ter o suporte de alguém significativo – figura(s) de vinculação – não podem, porém, deixar de ser concretizadas pelo próprio; ou seja, em certa medida, podemos dizer que se tratará de um “trabalho solitário”. É neste preciso contexto que ressurge, com novas dinâmicas, o papel das relações de vinculação. As construções e exigentes explorações inerentes ao alargamento das possibilidades relacionais e cognitivas activam (alternadamente) os *sistemas de vinculação* e de *exploração* (Guedeney, 2004b). Daí também a aparente paradoxalidade do adolescente que (para quem está de fora) parece oscilar de modo incongruente entre a necessidade de separação e de dependência – necessidades cuja *harmonização* é, talvez, a maior dificuldade (e conquista?) deste *longo* período.

A sofisticação gradual das operações formais, permitindo maior flexibilidade num raciocínio lógico e abstracto (desde que não adultere o real), capacita a construção de uma conceptualização global da vinculação, a partir das múltiplas experiências vivenciadas. Ou seja, de experiências eventualmente diferentes (e.g. “a minha mãe ajuda-me quando preciso”, “o meu pai ignora-me quando me sinto mal”), o adolescente pode progressivamente elaborar afirmações mais integradas, como, “quando preciso posso obter ajuda de certas pessoas, mas não de todas” (Atger, 2004, p. 148). Interpretando as questões relativas à vinculação em termos mais abstractos, o adolescente pode eventualmente reconhecer que os pais (já) não cumprem (forçosamente) as suas necessidades de vinculação, sugerindo que outras relações o poderão vir a fazer.

A integração de diferentes experiências relacionais significativas, conjuntamente com a maior diferenciação entre o *self* e os outros, permite ainda que o adolescente comece a ver-se a si mesmo *independentemente* da qualidade da relação (i.e. vinculação) com os progenitores. Desta forma, a concepção do *self* nas relações de vinculação torna-se mais internalizada e menos dependente, ou centrada, numa relação específica (Allen & Land, 1999).

O desenvolvimento das capacidades cognitivas implica também alterações nas próprias relações de vinculação – nomeadamente aos pais. Com efeito, entrando num plano de “igualdade” (cognitiva), o adolescente pode não só argumentar (em vez de fazer “birras”), como dismantelar “falsas verdades”; e, acede também a uma mais ajustada compreensão da perspectiva ou desejos dos pais, o que favorece maior adequação na “parceria corrigida quanto ao objectivo” (i.e., uma maior sintonia entre

a activação/desactivação das estratégias de vinculação e correspondentes respostas parentais). Esta progressiva adequação pode ser, em certos casos, facilitada pela introdução da distância física – nomeadamente quando há saída de casa nas relações que eram conflituosas (Kenny, 1994). Claro que, em termos teóricos (confirmados, aliás, por inúmeras investigações), nas famílias onde se construíram *padrões seguros* – mais flexíveis, abertos a correcções e que viabilizam a activação do *sistema de exploração* sem risco (ou medo) de perda das figuras de vinculação – estes desenvolvimentos, mesmo que exigentes, não comprometem a (*segurança*) relação. Para os *padrões inseguros* – onde se desenvolveram estratégias de *evitamento/negação* ou de *ansiedade/ambivalência* relativamente à (necessidade de) vinculação – as reconstruções progressivas e inevitáveis desta fase de desenvolvimento fazem, muito facilmente, ressurgir anteriores falhas e, não raramente, são vividas como uma ameaça à relação<sup>5</sup>.

Mas a adolescência é também o período da construção de novas relações significativas e ensaia-se assim a capacidade do adolescente se tornar, ele próprio, figura de vinculação.

Pelo exposto, compreende-se que o *padrão seguro* – implicando que o sujeito não tem dúvidas de que pode contar *incondicionalmente* com a figura de vinculação e merece ser respeitado, amado e compreendido – é o que propicia a construção da autonomia (social, cognitiva e emocional) ao longo da adolescência (Allen, Marsh, McFarland, McElhaney, et al., 2002; Claes, 2004; Collins, & Laursen, 2004). A relevância do papel da (representação) da segurança na vinculação nessa construção sustém a tese de que “(...) a autonomia, em termos ideais, não se desenvolve no isolamento, mas no contexto de uma relação próxima e permanente com os pais” (Allan & Land, 1999, p. 321).

Pelo contrário, o adolescente que teme “partir”, “experimentar” (cf. activação segura do sistema de exploração) é, frequentemente, o adolescente que não tem para onde voltar – as figuras parentais interiorizadas são *indisponíveis*, e ele teme não as reencontrar (e.g. nos progenitores que propiciam vinculações de evitamento), ou *imprevisíveis* (e.g. vinculações ansiosas). A colagem a outros – bandos – onde a

---

<sup>5</sup> Note-se que estes sentimento de ameaça ou receio de “perda” da relação podem ser vivenciados quer pelo adolescente, pelos pais (i.e. figuras de vinculação), ou por ambos simultaneamente.

identidade de cada um se dilui – surge, neste ordem de ideias, como uma forma de experimentar em grupo o que não se “consegue” fazer sozinho.

O estudo que a seguir se apresenta constitui um esforço no sentido de compreender a representação que os adolescentes portugueses fazem da vinculação aos seus pais e que dimensões valorizam nessa relação. Como objectivos mais particulares, destaca-se a adaptação do IPPA para a população portuguesa, analisando eventuais semelhanças ou diferenças (com outros países) nas dimensões da vinculação aos pais mais valorizadas, assim como nas *representações* particulares (aqui traduzidas nos diferentes itens) que operacionalizam essas mesmas dimensões. Pretende-se ainda observar eventuais estabilidades nas representações da vinculação aos pais entre o início e final da adolescência.

### **Vinculação aos pais em adolescentes portugueses - o IPPA no estudo de Coimbra:**

Os dados utilizados referem-se ao estudo de Coimbra, estudo *longitudinal prospectivo*, iniciado em 1992-1993 (sob orientação de A. C. Fonseca), que utilizou uma grande amostra da população de Coimbra, constituída por alunos dos 2º, 4º e 6º anos das escolas públicas do Concelho. A partir de uma população de 106 escolas públicas existentes em 1992 neste Concelho, foi escolhida uma amostra de 32 escolas, onde foram seleccionadas turmas ao acaso, das quais se incluíram todos os alunos, perfazendo um total de 1586 alunos (826 rapazes e 760 raparigas). Destes, 893 indivíduos foram avaliados pela primeira vez no *segundo* e *quarto* ano, no início do estudo, e no *follow-up* em diversas alturas.

Das várias dimensões avaliadas ao longo do estudo global, neste trabalho apresentamos apenas os dados relativos à *avaliação da vinculação aos pais* em dois momentos da adolescência.

Paralelamente à análise da evolução das representações da vinculação aos pais no decurso da adolescência, são analisadas as qualidades psicométricas da versão do IPPA (*Inventory of Parent and Peer Attachment*, Armsden & Greenberg, 1987).

#### *Sujeitos*

A amostra utilizada especificamente no estudo das qualidades psicométricas desta escala é constituída por 891 sujeitos, 471 rapazes e 420 raparigas que, no ano



lectivo de 1992/1993 (ou seja, no início da recolha dos dados), frequentavam Escolas Públicas do Concelho de Coimbra no 2º ou no 4º ano de escolaridade. Os dados foram recolhidos em *quatro tempos*, com cerca de quatro anos de intervalo, para o grupo inicialmente no 2º ano, e em *dois tempos*, com nove anos de intervalo, para o grupo do 4º ano. Nas presentes análises, são contemplados os dados da III fase da avaliação do grupo (inicial) do 2º ano, e da II fase do grupo (inicial) do 4º ano, (dados que remetem para dois períodos da adolescência: início e final)<sup>6</sup>.

**Quadro 1- Caracterização da amostra**

	Idade (média)	Rapazes	Raparigas	N (total)
2º A. – Tempo III	14,7	223	199	422
4º A. – Tempo II	18,6	98	136	234
				Total: <b>656</b>

A maioria dos sujeitos foi avaliada nas próprias escolas, onde a equipa de investigadores se deslocou para recolher dados, tendo sido pedida autorização para utilizar um tempo lectivo e reunir os alunos numa sala com boas condições para o preenchimento dos instrumentos. No caso de jovens que já tivessem abandonado os estudos, foi feito um contacto para marcar a hora e o local de preenchimento dos questionários. Cada sujeito respondia individualmente assinalando com uma cruz a opção que lhe parecia mais adequada.

Os dados foram processados e analisados através do programa SPSS. Caso os sujeitos não respondessem a algum item dos questionários, esse dado era processado como *missing*.

### *Instrumento*

A escala utilizada para avaliar as representações da vinculação dos adolescentes aos pais foi o IPPA – *Inventory of Parent and Peer Attachment* (Armsden & Greenberg, 1987). O conteúdo dos itens baseia-se nas formulações teóricas da teoria da vinculação de Bowlby, aceitando que à medida que se desenvolvem os processos cognitivos, as representações internas tendem a assumir um papel relevante na forma como o sujeito lida com as relações e no seu bem-estar psicológico. O IPPA avalia as

---

<sup>6</sup> As idades mais velhas, que surgem no quadro, dizem respeito apenas a um ou dois alunos (consoante os casos) com várias reprovações, pelo que não serão significativos no tratamento geral dos dados.

dimensões cognitivo-afectivas da vinculação dos adolescentes (ou jovens adultos) relativamente aos pais (e pares – na versão completa da escala de Armsden & Greenberg, 1987).

As análises factoriais realizadas pelos autores levaram à distinção de três sub-escalas relativas à representação da vinculação aos pais: sub-escala de *Confiança* avaliando sentimentos de confiança, compreensão mútua e respeito (e.g. “Os meus pais/amigos respeitam os meus sentimentos”; sub-escala de *Comunicação*, medindo a extensão e qualidade da comunicação verbal (e.g. “Conto aos meus pais/amigos o que me preocupa”); e sub-escala de *Alienação ou zanga*, que diz respeito aos sentimentos de alheamento e isolamento interpessoal (e.g. “Os meus pais/amigos não compreendem o que actualmente se passa comigo”)<sup>7</sup>. Cada item é cotado através de uma escala de Likert de 5 pontos: “Quase nunca ou nunca”, “Raramente”, “Algumas vezes”, “Muitas vezes” e “Quase sempre ou sempre”, consoante o sujeito concorda com a afirmação.

O instrumento não foi construído para diferenciar os padrões clássicos descritos por Ainsworth e colaboradores, mas avalia de modo apropriado a *segurança / insegurança* ressentida na relação com as figuras significativas (pais ou pares) (Armsden & Greenberg, 1987; Mikulincer & Shaver, 2007).

Os itens podem ser cotados *positivamente* – remetendo para a sensação de *confiança* e *segurança* em relação às expectativas de que as figuras de vinculação compreendem e respeitam as necessidades do próprio, assim como para a ideia de que os pais são sensíveis e receptivos aos seus estados emocionais e lhe darão apoio. São cotados *negativamente* os itens que remetem para sentimentos/representações de raiva, afastamento emocional ou de incompreensão dos pais para consigo.

As instruções vão no sentido dos adolescentes observem até que ponto os itens da escala descrevem verdadeiramente a sua relação com os seus pais. É ainda especificado que se o sujeito tiver uma relação muito diferente com a mãe e o pai, responda aos itens tendo em mente a relação com a figura (mãe/pai) que mais o influencia(ou) (Armsden & Greenberg, 1987, p. 433). Estes procedimentos foram igualmente seguidos no estudo de Coimbra.

---

<sup>7</sup> As sub-escalas relativas às representações da vinculação aos pares não foram aqui consideradas.

## ***Resultados do IPPA no estudo de Coimbra***

### ***Consistência interna***

Uma primeira série de análises foi destinada a avaliar a consistência interna da escala de *vinculação aos pais*. Os resultados revelaram um alpha de Cronbach elevado ( $\alpha=.87$ ). Todos os 28 itens considerados apresentam uma correlação superior a .25 com a escala total, como se pode ver no quadro seguinte. É desta escala de 28 itens (os mesmos da versão apresentada in Armsden & Grennberg, 1987, p. 451) que nos ocuparemos nas análises que a seguir se apresentam.

***Quadro 2. Correlações entre cada item e a escala total na versão de Coimbra***

1. Os meus pais respeitam os meus sentimentos	.66
2. Acho que os meus pais são bons pais	.60
3. Gostaria de ter pais diferentes	.57
4. Os meus pais aceitam-me tal como sou	.31
5. Só posso contar comigo próprio(a) para resolver os meus problemas	.30
6. Gosto de conhecer a opinião dos meus pais sobre as coisas que me dizem respeito	.34
7. Acho que é escusado mostrar os meus sentimentos	.29
8. Os meus pais apercebem-se quando ando preocupado(a) com alguma coisa	.41
9. Falar dos meus problemas com os meus pais faz-me sentir envergonhado(a) ou estúpido(a)	.30
10. Os meus pais esperam demasiado de mim	.30
11. Tenho facilmente chatices em casa	.53
12. Ando muito mais preocupado(a) do que os meus pais imaginam	.49
13. Nas nossas conversas os meus pais têm em conta o meu ponto de vista	-.54
14. Os meus pais confiam na minha maneira de ver e fazer as coisas	.52
15. Os meus pais têm os seus próprios problemas por isso não os importuno com os meus	-.42
16. Os meus pais ajudam-me a compreender-me melhor a mim próprio(a)	.44
17. Conto aos meus pais tudo o que me preocupa	.56
18. Ando revoltado(a) com os meus pais	.58
19. Os meus pais não me dão muita atenção	.48
20. Os meus pais encorajam-me a falar sobre as minhas dificuldades	.60
21. Os meus pais são compreensivos para comigo	.68
22. Não sei em quem confiar ou apoiar-me actualmente	.49
23. Quando estou aborrecido(a) com alguma coisa os meus pais tentam ser compreensivos	.50
24. Confio nos meus pais	.64

25. Os meus pais não compreendem o que actualmente se está a passar comigo	.50
26. Posso contar com os meus pais quando preciso de desabafar	.41
27. Sinto que ninguém me compreende	.39
28. Se os meus pais sabem que ando preocupado(a) com alguma coisa, perguntam-me o que se passa	.48

### *Estrutura factorial da escala*

Testámos várias soluções de análises com o intuito de destrinçar os eventuais componentes principais da escala. Numa primeira análise factorial (na qual não especificamos previamente um número de factores), obtivemos 6 factores, que explicariam 56% da variância total, mas que eram de difícil interpretação. Procedemos igualmente a uma análise com 3 factores (para ir ao encontro do tratamento processado na versão de Armsden & Greenberg, 1987), e verificámos que os itens se distribuem da forma apresentada no quadro 3, explicando 55% da variância total. Optámos pela distribuição em três factores, que apresenta maior consonância com os pressupostos teóricos revistos, assim como com a opção dos autores da escala original.

### **Quadro 3. Discriminação de cada um dos itens dentro dos 3 factores**

<b>Factor 1</b>	<b>Peso factorial</b>
1. Os meus pais respeitam os meus sentimentos	.84
2. Acho que os meus pais são bons pais	.84
*3. Gostaria de ter pais diferentes	.83
13. Nas nossas conversas os meus pais têm em conta o meu ponto de vista	-.69
14. Os meus pais confiam na minha maneira de ver e fazer as coisas	.68
*15. Os meus pais têm os seus próprios problemas por isso não os importuno com os meus	-.53
17. Conto aos meus pais tudo o que me preocupa	.55
*18. Ando revoltado(a) com os meus pais	.73
*19. Os meus pais não me dão muita atenção	.60
20. Os meus pais encorajam-me a falar sobre as minhas dificuldades	.72
21. Os meus pais são compreensivos para comigo	.84
*22. Não sei em quem confiar ou apoiar-me actualmente	.64
24. Confio nos meus pais	.85
*25. Os meus pais não compreendem o que actualmente se está a passar comigo	.61

<b>Factor 2</b>	
4. Os meus pais aceitam-me tal como sou	.52
6. Gosto de conhecer a opinião dos meus pais sobre as coisas que me dizem respeito	.64
8. Os meus pais apercebem-se quando ando preocupado(a) com alguma coisa	.72
16. Os meus pais ajudam-me a compreender-me melhor a mim próprio(a)	.76
23. Quando estou aborrecido(a) com alguma coisa os meus pais tentam ser compreensivos	.82
26. Posso contar com os meus pais quando preciso de desabafar	.77
28. Se os meus pais sabem que ando preocupado(a) com alguma coisa, perguntam-me o que se passa	.70
<b>Factor 3</b>	
*5. Só posso contar comigo próprio(a) para resolver os meus problemas	.66
*7. Acho que é escusado mostrar os meus sentimentos	.68
*9. Falar dos meus problemas com os meus pais faz-me sentir envergonhado(a) ou estúpido(a)	.62
*10. Os meus pais esperam demasiado de mim	.36
*11. Tenho facilmente chatices em casa	.61
*12. Ando muito mais preocupado(a) do que os meus pais imaginam	.67
*27. Sinto que ninguém me compreende	.56

\*Os itens assinalados foram cotados inversamente.

Os resultados das presentes análises revelam-se semelhantes aos de Armsden e Grennberg; revelando um primeiro factor composto por mais itens, estando os restantes distribuídos igualmente pelos dois outros factores

A análise do conteúdo dos itens agrupados em cada um dos três factores sugere os seguintes temas:

- *Factor I* – refere-se a confiança mútua, compreensão e respeito dos pais, e ainda, em menor extensão, com uma visão positiva ou negativa dos pais;
- *Factor II* – relativo à comunicação verbal com os pais, e em menor grau com a compreensão e a aceitação por parte dos pais;
- *Factor III* – relacionado com o isolamento, e ainda com o conflito com os pais.

De acordo com a análise, e dada a coerência interna nos *conteúdos* dos itens agrupados em cada factor, podemos adoptar a terminologia utilizada pelos autores do instrumento, com as três sub-escalas: *Confiança*, *Comunicação* e *Alienação* (embora, para a nossa população a distribuição dos itens não seja exactamente igual à da versão americana).

*Alguns dados normativos para a população portuguesa*

Um segundo conjunto de análises consistiu no estabelecimento de dados normativos para a versão portuguesa (v.g. médias, desvios-padrão, valores máximos e mínimos). A análise incidu quer sobre a escala global quer sobre as suas sub-escalas ou dimensões. No quadro 4 apresentam-se esses valores para a amostra global utilizada neste estudo.

**Quadro 4. - Descrição da vinculação na amostra**

	<i>N</i>	<i>Mediana</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio-padrão</i>	<i>Valor máximo*</i>	<i>Valor mínimo</i>
Vinculação* (score global)	656	60	60.3	10.2	104	13
Comunicação	656	21	20.2	5.7	28	0
Confiança	656	39	38	7.4	54	4
Alienação	656	18	17.6	5.6	28	0

\*O score máximo desta escala é de 112.

No quadro 5 apresentam-se os mesmos valores separadamente para os dois sexos. Não há diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas na escala total nem nas suas sub-escalas.

**Quadro 5. - Descrição da vinculação (score global), por sexo, na amostra**

	<i>N</i>	<i>Mediana</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio-padrão</i>	<i>Valor máximo*</i>	<i>Valor mínimo</i>
<b>Vinculação</b>						
(Score global)						
Rapazes	322	59	60.2	11.3	104	18
Raparigas	334	60	60.3	9	97	13
<b>Comunicação</b>						
Rapazes	322	21	20.3	5.4	28	0
Raparigas	334	21	20.1	6	28	2
<b>Confiança</b>						
Rapazes	322	39	39	6.7	54	4
Raparigas	334	38	37	7.9	51	13
<b>Alienação</b>						
Rapazes	322	19	18	5.5	28	0
Raparigas	334	18	17.3	5.7	28	1

### *Análise desenvolvimental dos padrões de vinculação observados*

Para avaliar o efeito da idade na representação da vinculação aos pais, os sujeitos foram distribuídos em 3 grupos de idades: o primeiro incluía adolescentes dos 13 aos 15 anos; o segundo, adolescentes dos 16 aos 18 anos e o terceiro, jovens com mais de 18 anos, geralmente elementos da coorte intermédia que foram acumulando repetências ao longo do seu trajecto escolar.

Os resultados dessas análises estão sintetizados no quadro 6 e dizem respeito não só à escala global mas também às suas 3 sub-escalas.

**Quadro 6. - Descrição da vinculação segundo três grupos etários**

	<i>N</i>	<i>Mediana</i>	<i>Média</i>	<i>Desvio-padrão</i>	<i>Valor máximo*</i>	<i>Valor mínimo</i>
<b>13-15 anos</b>	<b>366</b>					
Vinculação	60	59.9	9.9	103	13	
Comunicação	21	20.6	5.6	28	2	
Confiança	39	38.6	7.2	54	15	
Alienação	19	18.2	5.7	28	0	
<b>16-18 anos</b>	<b>255</b>					
Vinculação	60	60.5	10.4	104	18	
Comunicação	20	19.6	5.8	28	0	
Confiança	38	37	7.6	51	4	
Alienação	18	17	5.4	28	2	
<b>19-21 anos</b>	<b>21</b>					
Vinculação	63	62.1	13.4	97	42	
Comunicação	22	20.2	6.2	28	8	
Confiança	39	38.2	9	51	17	
Alienação	19	17.1	6.5	28	6	

Podemos observar que a média na escala de vinculação é mais elevada para o grupo dos 19-21 anos (62.1) e mais baixa para o grupo dos 13-15 anos (59.9).

É interessante verificar, ainda, que o grupo dos 19-21 anos tem o valor mínimo mais elevado tanto na escala de vinculação como nas suas sub-escalas, embora este grupo não seja representativo da população geral, pois além de ter um número reduzido de sujeitos, representa os sujeitos com maiores retenções. Porém, nenhuma destas diferenças em função da idade se revelou estatisticamente significativa.

Finalmente, é de referir que as médias nestas medidas são muito semelhantes no grupo dos rapazes e no grupo das raparigas. As únicas diferenças surgiram no grupo etário dos 13-15 anos, e dizia respeito à sub-escala de confiança ( $p=.006$ ).

Uma outra maneira de analisar o efeito da idade nas representações da vinculação aos pais é comparar-se as pontuações dos *mesmos indivíduos* no mesmo instrumento, em diferentes períodos do seu desenvolvimento.

Dada a natureza longitudinal do estudo de Coimbra, foi possível fazer essa comparação entre a fase intermédia da adolescência e a sua fase final ou de transição para a idade adulta ou juventude. Para isso, utilizou-se uma sub-amostra com apenas 445 sujeitos, pertencentes ao grupo inicialmente no 2º ano, que foram avaliados aos 14-15 anos e aos 17-18 anos, com este instrumento.

Os resultados dessa comparação estão sintetizados no quadro 7, separadamente para rapazes e raparigas.

**Quadro 7 – Médias e desvios padrão na escala de vinculação e suas sub-escalas (sub-amostra)**

	14-15 anos				17-18 anos			
	♂		♀		♂		♀	
	M	dp	M	dp	M	dp	M	dp
<b>Vinculação</b> (Score global)	64.2	11.2	63.5	9.8	57.6	9.2	59.8	9.5
<b>Comunicação</b>	20.5	5.7	20.1	6.2	19.6	5.6	20.4	5.9
<b>Confiança</b>	31.9	5.9	30.5	6.1	28.4	4.8	29.3	4.8
<b>Alienação</b>	10.6	3.5	11.8	3.7	9.5	4.9	10.2	5.5

A leitura desse quadro mostra-nos que, de modo geral, a média do score global da vinculação diminui com a idade, tanto nos rapazes como nas raparigas, bem como as médias das suas sub-escalas; que aos 14-15 anos, os rapazes apresentam uma média superior na escala de vinculação total<sup>8</sup>, e nas sub-escalas de comunicação e confiança, enquanto que as raparigas apresentam uma média superior na escala de alienação, e que aos 17-18 anos, as raparigas apresentam uma média superior na escala de vinculação e nas suas sub-escalas.

<sup>8</sup> Dados de outros autores mostram, por vezes, um decréscimo nos scores do IPPA no início da puberdade, embora no caso dos rapazes, diversos estudos encontrem aumentos da vinculação à mãe nesse mesmo período (in, Lopez & Gover, 1993).



Na descrição que fazem das diferenças individuais na vinculação, Armsden e Greenberg (1987) distinguem os seguintes dois grupos:

1) sujeitos classificados como “*muito seguros*” (High security group) – quando os scores na *Alienação* são baixos e os da *Comunicação* ou *Confiança* se situam, pelo menos, na média. Se scores na *Confiança* se situarem (apenas) na média mas os scores da *Alienação* também estiverem na média, os sujeitos não serão incluídos no grupo HS (high security), isto dada a importância teórica atribuída por Bowlby à confiança na relação.

2) sujeitos classificados como “*pouco seguros*” (Low security group) – quando os scores na *Confiança* e *Comunicação* são ambos baixos, e se a *Alienação* se encontrar na média ou acima da média. Nos casos em que um dos valores da *Confiança* ou a *Comunicação* está na média mas o outro é baixo, é classificado LS (low security) se o valor da *Alienação* for elevado (Armsden & Greenberg, 1987, p. 442).

#### *A estabilidade temporal*

Dado que este questionário foi administrado duas vezes, à coorte mais jovem, foi possível determinar a sua estabilidade teste-reteste, relativamente a um período de 3 anos, em média.

Os resultados duma análise de correlação (produto-momento de Pearson) são apresentadas no quadro 8 para a escala global e para as suas sub-escalas, separadamente para rapazes e raparigas.

**Quadro 8. – Correlações teste-reteste, por sexo, na amostra mais jovem**

<i>Tempo 4</i> \ <i>Tempo 3</i>	Vinculação		Comunicação		Confiança		Alienação	
	(Score global)							
	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀
Vinculação	.34**	.28**						
(Score global)								
Comunicação			.54**	.52**				
Confiança					.31**	.26**		
Alienação							.23**	.40**

Os coeficientes de correlação são geralmente de valor moderado<sup>9</sup>, mas estatisticamente significativo. Os valores mais elevados dizem respeito à sub-escala de comunicação. Além disso, não se registaram grandes diferenças entre rapazes e raparigas, excepto na sub-escala de alienação; nesta, as raparigas apresentam uma maior correlação teste-reteste em relação aos rapazes (.40 e .23, respectivamente). Nas outras sub-escalas e na escala global, os valores mais elevados aparecem nos rapazes.

### **Discussão e conclusões**

O objectivo da presente investigação consistiu na avaliação da qualidade da vinculação aos pais em adolescentes portugueses e, simultaneamente, avaliar qualidades psicométricas da adaptação do IPPA (Armsden & Greenberg, 1987) à população portuguesa.

A escolha deste (entre outros) instrumento de avaliação da qualidade da vinculação aos pais justifica-se pelo facto de se tratar de um instrumento que tem mostrado boas qualidades psicométricas noutros estudos (cf. comentários in Lopez & Gover, 1993 ou Mikulincer & Shaver, 2007), o que permite estabelecer confrontos entre diversas amostras (culturalmente diversas).

Interessava-nos também avaliar algumas particularidades da vinculação aos pais nos adolescentes portugueses, nomeadamente as dimensões mais valorizadas, eventuais diferenças ao longo do desenvolvimento e diferenças nas representações dos rapazes e raparigas. Estes dados são significativos na medida em que se sabe que, em diferentes momentos do desenvolvimento e consoante o sexo, não são forçosamente as mesmas componentes da relação que mais determinam a qualidade da vinculação.

A avaliação da vinculação (i.e., da representação da vinculação) por meio de questionários de auto-avaliação tem sido criticada por alguns autores que, particularmente, sugerem que estes instrumentos só apreenderiam as componentes conscientes da mesma. Porém, e independentemente de reservas de autores que privilegiam as vantagens das entrevistas clínicas, destaca-se correntemente a ideia de que tais instrumentos são uma opção válida, mostrando aliás correlações significativas com instrumentos que incluem uma entrevista clínica (como o AAI), ou

---

<sup>9</sup> De salientar que a estabilidade teste-reteste está aqui avaliada para um período de cerca de três anos, sendo os resultados usuais (e.g. in Armsden & Greenberg, 1987) para três semanas.

com anteriores avaliações de observações comportamentais das relações com os pais na infância (Shaver & Mikulincer, 2004; Mikulincer & Shaver, 2007).

As análises factoriais dos nossos dados – provenientes de uma amostra bastante elevada<sup>10</sup> – apontam para uma significativa consistência interna do instrumento. De facto, tanto o valor de alpha (.87) como o das correlações de cada item com a escala global são elevadas.

Quanto à estrutura factorial é interessante destacar que as nossas análises sugerem também, para a presente amostra, a presença de três (grandes) factores ou dimensões – à semelhança da versão original (Armsden & Greenberg, 1987) e à semelhança dos resultados obtidos na versão portuguesa de Neves, Soares e Silva (1999). Feita uma análise ao conteúdo dos itens agrupados nos três factores, optámos por manter a designação original de Armsden e Greenberg, uma vez que os itens respectivos a cada uma das dimensões remete para conteúdos que dizem respeito: 1) à *confiança* mútua que os adolescentes sentem existir na relação com os pais; 2) à qualidade da *comunicação*, no que se refere à possibilidade de transmitir opiniões ou preocupações, e sentir que os pais o escutam e compreendem; 3) ao sentimento de se sentir isolado ou incompreendido pelos pais, o que foi designado por sentimentos de *alienação*.

Tendo-se observado sujeitos em diferentes momentos do seu desenvolvimento, podemos analisar os dados relativamente à estabilidade *versus* mudança nos padrões globais das representações da vinculação aos pais. Recorrendo à sub-amostra que avalia os mesmos sujeitos em diferentes momentos, observa-se, entre o período dos 13-14 anos e o dos 17-18 anos, um decréscimo nos valores médios da vinculação. Estes resultados sugerem um movimento semelhante ao encontrado noutros trabalhos (in Lopez & Gover, 1993; Claes, 2004; Neves et al., 1999). Não se trata, porém, de uma diminuição muito acentuada.

No que se refere às dimensões em análise neste questionário de vinculação aos pais, os resultados sugerem que elas poderão ser diferentemente valorizadas consoante a idade dos sujeitos (i.e. início ou adolescência tardia) e variam entre raparigas e rapazes. Quanto às diferenças entre os sexos, destaca-se o facto de, em termos gerais, os scores dos rapazes serem superiores aos das raparigas no período

---

<sup>10</sup> Recorde-se que nos estudos de originais de Armsden e Greenberg (1987) as amostras eram compostas por 179 (afecção da escala) e de 86 sujeitos no estudo 2, relativo à *validade convergente* do instrumento, no caso, confrontando com os conceitos de auto-estima, satisfação perante a vida e estado afectivo (no nosso caso, estas análises serão apresentadas num outro trabalho, em curso).

inicial (considerado) da adolescência; no grupo dos 17-18 anos observam-se valores mais elevados nas raparigas. Mas também aí as diferenças são pouco acentuadas. Destacamos ainda o facto de os valores na Alienação serem mais elevados (em ambos os períodos) para as raparigas.

Um limite deste trabalho consiste na impossibilidade distinguir a importância atribuída pelos adolescentes à vinculação à Mãe e ao Pai. Esta variável não foi contemplada dado que os adolescentes em causa já se encontravam a ser avaliados com vários instrumentos, pelo que tal pedido adicional seria excessivo. Seria, no entanto, um trabalho interessante a desenvolver junto dos adolescentes portugueses e que poderia esclarecer o facto dos scores dos rapazes serem, no presente estudo, superiores aos das vinculações das raparigas, dados que vão ao encontro do esperado se a figura de vinculação for a mãe<sup>11</sup>.

Em conclusão, à luz destes dados, a versão, do estudo de Coimbra, do IPPA parece gozar de boas qualidades psicométricas, apresentando uma boa consistência interna, sensibilidade e uma boa fidelidade teste-reteste. Além disso, os dados encontrados vão ao encontro do esperado a partir da revisão de estudos efectuada. Parece-nos, por isso, que a presente adaptação do IPPA pode constituir um bom instrumento para o estudo das representações da vinculação nos adolescentes e jovens portugueses.

---

<sup>11</sup> Na generalidade dos trabalhos, a qualidade da vinculação à mãe tem sido sempre superior à encontrada nas representações da vinculação ao pai – o que pode sugerir que a figura materna continua a ser a mais utilizada (em termos médios) como fonte de suporte afectivo (Armsden & Greenberg, 1987; Buist, Dekovic, Meeus & van Aken, 2002; Claes, 1998; 2004; Loureiro, 1997).

## Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44 (3), 709-716.
- Ainsworth, M. S. & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46 (4), 333-341.
- Allen, J. P., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P. R. Shaver, (Eds), *Handbook of attachment. Theory, research, and clinical applications* (pp. 319-335). New York: Guilford Press.
- Allen, J.P., Marsh, P., McFarland, C, McElhaney, K.B., Land, D.J., Jodl, K.M. & Peck, S. (2002). Attachment and autonomy as predictor of the development of social skills and delinquency during midadolescence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 70 (1), 56-66.
- Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16(5), 427-453.
- Arnett, J. J. (1999). Adolescent storm and stress, reconsidered. *American Psychologist*, 54 (5), 317-326.
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood. A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55 (5), 469-480.
- Atger, F. (2004). Vinculação e adolescência. In Guedeney & A. Guedeney (Coord.), *Vinculação. Conceitos e aplicações* (pp.147-156) tradução de E. Pestana, Lisboa: Climepsi, (ed. original, 2002, Paris: Masson).
- Bowlby, J. (1988). *A secure base. Clinical applications of attachment theory*. Londres: Routledge.
- Brehm, S., Miller, R. S., Perlman, D. & Campbell, S. M. (2002). *Intimate relationships*, 3ª ed. New York: McGraw-Hill Higher Education.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, 759-775.
- Bretherton, I. (2005). In pursuit of the internal working model construct and its relevance to attachment relationships. In K. E. Grossmann, K. Grossman, & E. Waters (Eds.). *Attachment from infancy to adulthood. The major longitudinal studies* (pp. 13-47). New York: Guilford Press.

- Buist, K.L., Dekovic, M., Meeus, W & van Aken, M.A. (2002). Developmental patterns in adolescent attachment to mother, father and sibling. *Journal of Youth and Adolescence*, 31 (3), 167-176.
- Cicchetti, D. & Rogosch, F. A. (2002). A developmental psychopathology perspective on adolescence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 79 (1), 6-20.
- Cicchetti, D., Toth, S. & Lynch, M. (1995). Bowlby's dream comes full circle. (pp. 1-75) In T. H. Ollendick & R. J. Prinz (Eds.), *Advances in Clinical Child Psychology*, vol. 17, New York: Plenum Press.
- Claes, M. (1998). Adolescents' closeness with parents, siblings, and friends in three countries: Canada, Belgium, and Italy. *Journal of Youth and Adolescence*, 27 (2), 165-183.
- Claes, M. (2004). Les relations entre parents et adolescents: un bref bilan des travaux actuels. *L'Orientation Scolaire et Professionnelle*, 33 (2), 205-226.
- Claes, M., Lacourse, E., Ercolani, A. P., Pierro, A., Leone, L. & Presaghi, F. (2005). Parenting, peer orientation, drug use, and antisocial behavior in late adolescence : A cross-national study. *Journal of Youth and Adolescence*, 34 (5), 401-411.
- Collins, W. A., & Laursen, B. (2004). Parent-adolescence relationships and influences. In R. Lerner & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of Adolescent Psychology*, 2<sup>ed</sup>, (pp. 331-361). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Crowell, J. A., Treboux, D. & Waters, E. (2002). Stability of attachment representations: The transition to marriage. *Developmental Psychology*, 38 (4), 467-479.
- Fox, N.A. & Bar-Haim, Y. (2001). Conceptual gaps in the lifespan theory of attachment. In A. Göncü & E. L. Kleim (Eds.), *Children in play, story and school* (pp. 288-308). New York: Guilford Press.
- Geuzaine, C., Debry, M. & Liesens, V. (2000). Separation from parents in late adolescence: the same for boys and girls? *Journal of Youth and Adolescence*, 29 (1), 79-91.
- Guedeney, A. (2004a). A teoria da vinculação: a história e as personagens. In Guedeney & A. Guedeney (Coord.), *Vinculação. Conceitos e aplicações* (pp.25-31), tradução de E. Pestana, Lisboa: Climepsi, (ed. original, 2002, Paris: Masson).

- Guedeney, A. (2004b). Conceitos-chave da teoria da vinculação. In Guedeney & A. Guedeney (Coord.), *Vinculação. Conceitos e aplicações* (pp.33-43), tradução de E. Pestana, Lisboa: Climepsi, (ed. original, 2002, Paris: Masson).
- Kenny, M. E. (1994). Quality and correlates of parental attachment among late adolescents. *Journal of Counseling and Development*, 72 (4), 399-403.
- Kerns, K. A., Schlegelmilch, A., Morgan, T. A., & Abraham, M. M. (2005). Assessing attachment in middle childhood. In K. A. Kerns & R. A. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood* (pp. 46-70). New York: Guilford Press.
- Lopes, F. G., & Gover, M. R. (1993). Self-report measures of parent-adolescent attachment and separation-individuation: a selective review. *Journal of Counseling and Development*, 71 (5), 560-569.
- Loureiro, R.M. (1997). *Vinculação e desenvolvimento vocacional. Um estudo empírico sobre os padrões de vinculação como preditores das estratégias de confronto no desemprego involuntário*. [Dissertação de mestrado, não publicada, Fac. Psic. E Ciên. Educ.] Universidade de Coimbra.
- Lourenço, O. (1997). *Psicologia de Desenvolvimento Cognitivo. Teoria, dados e implicações*. Coimbra: Almedina.
- Love, K.M. & Murdock, T.B. (2004). Attachment to parents and psychological well-being: An examination of young adult college students in intact families and stepfamilies. *Journal of Family Psychology*, 18 (4), 600-608.
- Machado, T. S. (2003). Raciocínio operatório formal: O que se mantém da original definição piagetiana? *Psychologica*, 32, 147-169.
- Machado, T. S. (2004). Vinculação e comportamentos anti-sociais. In A. C.Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e crime* (pp. 291-321). Coimbra: Almedina.
- Machado, T. S. (2007). Padrões de vinculação aos pais em adolescentes e jovens adultos e adaptação à universidade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 41 (2), 5-28.
- Machado, T. S., & Fonseca, A. C. (2006). Representações da vinculação aos pais e problemas de externalização em adolescentes, CD de Resumos do *VI Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, vol. XVIII, pp. 61-74, Évora, 28, 29 e 30 de Novembro.

- Main, M. (1996). Introduction to the special section on attachment and psychopathology: 2. Overview of the field of attachment. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64 (2), 237-243.
- McCarthy, C. J., Lambert, R. G., & Moller, N. P. (2006). Preventive resources and emotion regulation expectancies as mediators between attachment and college students' stress outcomes. *International Journal of Stress Management*, 13 (1), 1-22.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). *Attachment in adulthood. Structure, dynamics, and change*. New York: Guilford Press.
- Miljkovitch, R. (2004). A vinculação ao nível das representações. In Guedeney & A. Guedeney (Coord.), *Vinculação. Conceitos e aplicações* (pp.45-53) tradução de E. Pestana, Lisboa: Climepsi, (ed. original, 2002, Paris: Masson).
- Neves, L., Soares, I. & Silva, M.C. (1999). Inventário da vinculação na adolescência - IPPA. In M.R. Simões, M. Gonçalves & L.S. Almeida (Eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (vol.2). Braga: APPORT/SHO.
- Pierrehumbert, B. (2003). Attachement et psychopathologie. *Enfance*, 1, 74-80.
- Raja, S. M., McGee, R. & Stanton, W. R. (1992). Perceived attachments to parents and peers and psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 21 (4), 471-485.
- Roisman, G.I., Padrón, E., Sroufe, L.A. & Egland, B. (2002). Earned-secure attachment status in retrospect and prospect. *Child Development*, 73 (4), 1204-1219.
- Sampaio, D. (2006). *Lavrar o mar. Um novo olhar sobre o relacionamento entre pais e filhos*. Lisboa: Caminho.
- Scharf, M., Mayseless, O. & Kivenson-Baron, I. (2004). Adolescents' attachment representations and developmental tasks in emerging adulthood. *Developmental Psychology*, 40 (30), 430-444.
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2004). What do self-report attachment measures assess? In W. S. Rholes & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 17-54), New York: Guilford Press.
- Silva, M. G., & Costa, M. E. (2005). Vinculação aos pais e ansiedade em jovens adultos. *Psicologia*, XVIII (2), 9-32.
- Soares, I. (2000). Psicopatologia do desenvolvimento e contexto familiar: teoria e investigação das relações de vinculação. In I. Soares (Coord.). *Psicopatologia do*



- desenvolvimento: Trajectórias (in)adaptativas ao longo da vida*, (pp.381-434), Coimbra: Quarteto.
- Soares, I. (2006). Trajectórias dos nossos vínculos: Desenvolvimento, psicopatologia e aplicações clínicas. In M. C. Taborda Simões, T. S. Machado et al.,(Eds). *Psicologia do desenvolvimento. Temas de investigação* (pp.231-241). Coimbra: Almedina.
- Soroku, C. F., & Weissbrod, C. (2004). Men and woman's attachment and contact patterns with parents during the first year of College. *Journal of Youth and Adolescence*, 34 (3), 221-228.
- Van Ijzendoorn, M. H. (1995). Adult attachment representations, parental responsiveness, and infant attachment: A meta-analysis on the predictive validity of the Adult Attachment Interview. *Psychological Bulletin*, 117 (3), 387-403.
- Van Ijzendoorn, M. H. & Bakermans-Kranenburg, M. J. (1996). Attachment representations in mothers, fathers, adolescents, and clinical groups: A meta-analytic search for normative data. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64 (1), 8-21.